

PRIMEIRAS NOTAS SOBRE O CONFIXO FONNO

Tiago Vieira de Souza
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

RESUMO: Neste artigo, apresentamos os primeiros resultados do uso da partícula *fono*, em uso no português do Brasil, com vistas a classificá-la como confixo, na esteira de Martinet (1979) e Gonçalves (2011).

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia, formação de palavras, confixo.

INTRODUÇÃO

Para a análise do confixo *fono*, fizemos um levantamento de dados nos dicionários eletrônicos Houaiss e Aurélio, bem como lançamos mão do recurso eletrônico *Google* para que pudéssemos, também, encontrar outros dados. Ademais, pesquisamos, no *twitter*, possíveis dados com *fono* que revelariam, portanto, que os falantes estão a produzir vocábulos com tais formativos em seus registros cotidianos. Primeiramente, apresentamos uma breve definição de confixo para, a seguir, analisarmos preliminarmente o elemento *fono*.

1. O processo de confixação

Embora a confixação se aproxime mais da composição, sobretudo a neoclássica, por envolver elementos greco-latinos, vamos começar por diferenciá-la da afixação. Scalise (1994) apresenta quatro razões para comprovar que a confixação não constitui afixação:

- ✓ confixos podem se unir a outros confixos, como, por exemplo, em *filantropia*, que apresenta os confixos *-filo-* e *-antropo-*. Essa característica não está presente nos afixos, que só podem se unir a uma base lexical, ou seja, prefixos não se combinam entre si (**ex-des*), nem com sufixos (**sub-inho*);
- ✓ b) confixos figuram em ambas as bordas do produto, o que não se pode dizer dos afixos, que possuem uma posição fixa;
- ✓ c) diferente dos afixos, às vezes é possível retirar o confixo numa estrutura de coordenação, como no exemplo dado em Navrátil (2014): “Não importa se são *filo-* ou *anti-soviéticos* [tradução nossa]” (p. 21);
- ✓ d) baseados em Danielle Corbin (2001), vemos que os confixos são unidades com uma semântica referencial, ou seja, podem ser traduzidos como substantivos (*antropo*=homem).

Dessa maneira, ao observarmos as características acima, vemos que a confixação muito se diferencia da derivação e, portanto, tem mais pontos de contato com a composição, como Radimský (2011) atesta. Então, no processo da confixação, os elementos cultos greco-latinos são combinados entre si, bem como com palavras. Com base no exposto, definimos a confixação como uma especificidade da composição neoclássica cuja principal característica é a flexibilização posicional, ou seja, na confixação

Primeiras notas sobre o confixo fono

temos um processo morfológico que apresenta como unidades radicais eruditos sem lugar predeterminado na estrutura da palavra.

2. O confixo *fono*

O formativo *fono* – do grego *fonê*, *-ês* – é um elemento da composição neoclássica que exprime a noção de som. Olhando para a descrição da confixação, vemos que tal formativo se enquadra nas características do processo descrito na seção 3. Em primeiro lugar, pode estar na borda esquerda da palavra – *fonograma* – bem como na borda direita – *polífono* –. Os exemplos a seguir confirmam o que estamos afirmando:

Borda esquerda	Borda direita
fonoteca	aerófono
fonovisão	aimarófono
fonometria	autófono
fonografia	eletrofono
fonospasmo	tagalófono
foniatría	acrofonia
fonemática	audiofone
foneticista	heptafone

Quadro 1: Principais exemplos de *fono* nas bordas de palavras

Em nossa análise, atestamos que *fono* constitui-se como confixo produtivo no Português Brasileiro contemporâneo e, mesmo que muitos vocábulos estejam associados a áreas técnicas, como se observa nos dados no quadro 1, outros correspondem a novas formações até bastante populares, de modo algum manufaturadas: pornófono (referente ao falante que fala muita pornografia) e merdófono, por exemplo, que é descrito em post no twitter como se observa a seguir. É válido ressaltar que estes são exemplos que nem sequer estão descritos nos dicionários.



victoroffline @victoroffline · 24 de ago de 2013
quem fala muita merda denomina-se **merdófono**



Ao analisarmos o confixo *fono* em ambas as posições, observamos que tal formativo cria grupos diversos de acepções. No entanto, mantém o sentido básico do étimo grego, ou seja, manifesta sempre a noção de som. Ao pesquisarmos nos dicionários Houaiss e Aurélio, na primeira posição, o confixo estudado atualiza significados em áreas diferentes, como por exemplo:

- ✓ linguística (*fonotática*: Estudo das sequências específicas de sons que ocorrem numa língua; *fonologização*: mudança diacrônica que ocorre numa língua quando uma variante de um fonema passa a participar de uma nova oposição distintiva, acarretando, assim, alteração no sistema fonológico da língua);
- ✓ medicina (*fonoaudiologia*: especialidade médica que compreende o estudo da fonação e da audição, de seus distúrbios e das suas formas de tratamento);
- ✓ acústica/física (*fonometria*: Arte de medir a intensidade do som ou da voz, de usar o fonômetro; *fonoclama*: um termo da marinha que representa equipamento de amplificação e distribuição do som, destinado a transmitir ordens verbais, a bordo ou em terra);
- ✓ cinema/televisão (*fonocinematografia*: registro simultâneo de imagem e de som);
- ✓ equipamentos/instrumentos (*fonocardiógrafo*: aparelho que registra graficamente os ruídos do coração);
- ✓ psicologia (*fonopsia*: ocorrência de visões causadas por estímulo auditivo; *fonofobia*: Aversão patológica a sons, e à fala em tom alto).

Na segunda posição, temos novos grupos de acepções, bem como a repetição de algumas noções que já são atualizadas na primeira posição. Exemplos disto são: (a) instrumento (*aerófono*: diz-se de ou qualquer instrumento que soa através de uma coluna de ar posta em vibração – p.ex., a flauta, a gaita de foles etc. –); (b) falante de (*francófono*, *lusófono*, *anglófono*: que representam falantes dos idiomas francês, português e inglês respectivamente); (c) tipo de / relativo a (*heptafoño*: diz-se de ou eco cujo som é repetido sete vezes; *homófono*: são dois ou mais vocábulos que, sendo diversos no significado e na grafia, se pronunciam de modo idêntico. Vale ressaltar que *homófono* também pode aparecer sendo relacionado a sons ou vozes iguais, bem como *heterófono* que é o mesmo que produto de sons ou vozes diferentes).

Nesse sentido, é válido ressaltar que nos parece que o ambiente mais produtivo para o confixo *fono* é na borda da direita, no que diz respeito aos registros encontrados em dicionários. O mesmo pode ser dito sobre os novos usos e novas criações de palavras pelo processo da confixação que também acabam por mostrar que o ambiente de segunda posição é, de fato, produtivo nos dias de hoje. Sendo assim, pesquisas no *twitter* mostram alguns dados novos, bem como algumas releituras dos dados aqui já apresentados. São exemplos disto: (a) “merdófono” que é descrito como “quem fala muita merda denomina-se merdófono” – que segue a nossa análise de *fono* na segunda posição como um formativo que expressa a ideia de ‘falante de’; (b) “idiófono” que designa um instrumento, mas no *Twitter* aparece como uma releitura de “o idiota é um idiófono”. Como um instrumento musical que produz sons com seu próprio corpo (...)” e (c) “homófono” que em uma situação no *twitter* foi identificado como alguém que promovia a agenda *gay*. Neste contexto, um professor foi demitido, pois ao falar de homófonos – como vimos aqui, isto está relacionado à linguística/ensino de gramática – acharam que ele estava falando sobre homossexualismo na escola. Pode-se afirmar, portanto, que a releitura de ‘homófono’ foi feita com o significado especializado do que a literatura denomina de afixoide: elemento da recomposição que compacta o significado de um composto neoclássico (nesse caso, ‘homossexual’).

Primeiras notas sobre o confixo fono

Outro dado encontrado no *Twitter* que representa uma releitura do significado original dos dicionários agora, porém, na borda esquerda é: “fonofobia” que é descrito como “medo de perder o celular” – e neste contexto o “fono” está sendo associado ao “phone” do inglês que remete a telefone – e o mesmo vocábulo é definido em outro *tweet* como “medo de pessoas com outro gosto musical”.

Ademais, encontramos um dado diferente e que não constava no dicionário: “autófono” que é descrito como uma espécie de autógrafa gravado (com recurso de gravação de voz). Novamente aqui, um elemento ressemantiza ao assumir o significado do todo, num claro processo de metonímia formal.

Atestamos, também, que *fono* possui livre curso na língua. Em outras palavras, caracteriza-se como elemento que possui a capacidade de aparecer isolado. Isso se confirma ao encontrarmos no *twitter* exemplos como (01) a seguir, em que o primeiro *fono* faz referência a “*fonologia*” e o segundo a “*fonoaudiólogo*”

- (01) “olá monitores de *fono* vamos marcar aquele role na biblioteca??” e
(02) “Estou amando estudar francês mas já disse q vou ter q ir pra *fono* pra conseguir acertar as pronúncias”

Nesse contexto, pode-se pensar a respeito do truncamento como um dos processos não concatenativos de formação de palavras do português. É entendido como um encurtamento em que a parte vale pelo todo e, por isso mesmo, a forma complexa e a reduzida são consideradas sinônimas, uma que podem ser intercambiadas semanticamente (GONÇALVES, 2012). Diferentemente dessa visão, alguns, autores como Bauer (1988, p. 33), por exemplo, não atestam o estatuto morfológico no truncamento. Em outras palavras, acreditam que o truncamento não deve ser tratado no contexto de formação de palavras. No entanto, Frandrich (2008) e Gonçalves (2011c; 2012) defendem que, mesmo sendo não morfêmico em alguns contextos, o truncamento “está na base da criação de novos morfemas” (GONÇALVES 2012, p. 186) e que o encurtamento “muda registros ou estilos em comparação aos seus equivalentes completos” (FRANDRICH 2008, p. 116).

Nesse sentido, Basílio (2004) apresenta dois tipos diferentes que são resultados do processo de truncamento: (a) ‘Sampa’ (São Paulo) e ‘delega’ (delegado), em que a parte eliminada mostra-se decorrente de um processo assistemático e não previsível; (b) ‘micro’ (microcomputador) ou ‘vídeo’ (videocassete), em que uma das partes da composição passa a representar o todo. Ao analisarmos o confixo *fono* sob a luz de Basílio (2004), esta seria a forma em que o formativo se enquadraria, ou seja, remetendo a um significado não só da parte, mas sim do todo. Outra autora a apresentar a noção do truncamento é Carone (2004). No entanto, esta chama o fenômeno de abreviação e foca majoritariamente ao processo de abreviação com formas neoclássicas – derivadas do grego e latim – e toma como exemplos construções do tipo: ‘auto’ (automóvel) e ‘moto’ (motocicleta). Neste sentido, o formativo *fono* também se enquadraria nesta descrição, pois, mesmo de forma abreviada, remete a ideia do todo sendo representada por construções neoclássicas.

De acordo com Kedhi (2005), o truncamento é um fenômeno descrito como abreviação e definido como um vocábulo que é reduzido que, no entanto, não apresenta mudança de classe gramatical. Os exemplos podem ser vistos como em ‘fotografia’

(substantivo) > ‘foto’ (substantivo). Dessa maneira, vemos que o mesmo ocorre com o confixo *fono* que pode ser usado como ‘fonoaudiólogo’ (substantivo) > ‘fono’ (substantivo).

Monteiro (1987) trata o truncamento como braquissomia e apresenta a definição que este é o processo que emprega partes de uma palavra pelo todo, em que o produto final representa semanticamente o vocábulo por inteiro. Exemplos disso são ‘tri’ para ‘tricampeonato’ e ‘quilo’ para quilograma. Sendo assim, o formativo *fono* também se enquadra nesta descrição pois apresenta semanticamente a noção de um vocábulo por inteiro, bem como também está conectado ao fator economia linguística também defendido pelo autor.

Sendo assim, como apresentado na análise de Belchor (2009), não há unanimidade, entre os autores, no que diz respeito à análise do truncamento. Ainda em sua análise a autora chama a atenção que para a maior parte dos autores que discutem o fenômeno de truncamento, este está associado “à economia linguística ou comodidade expressiva” (p. 24). Com isso, analisamos o *fono*, se em forma encurtada e autônoma, sob essa perspectiva de comodidade e coloquialismo.

Em relação à pauta acentual dos vocábulos formados com *fono*, percebemos que o grupo de aceção que representa ‘falante de’, com o confixo na segunda posição, caracteriza-se como formador de palavras proparoxítonas cuja vogal tônica é sempre [ɔ], como, por exemplo, ‘anglófono’, ‘bascófono’, ‘ciganófono’, ‘germanófono’, entre outros exemplos. Dentro dessa discussão, é válido fazer referência aos formativos ‘-logo’ e ‘-grafo’ que são cunhados por Rondinini & Gonçalves (2006) como sufixos que, ao se unirem a uma base, sempre se caracterizam pela repetição da vogal posterior aberta [ɔ] como visto em ‘arqueólogo’ e ‘autógrafo’, por exemplo. Outra constatação feita pelos autores é que se os formativos forem –logia e –grafia, a vogal posterior não é mais aberta [ɔ], mas sim fechada [o]. Semelhantemente ocorre com os exemplos do confixo *fono* na segunda posição: em ‘lusófono’, por exemplo, a vogal posterior é aberta. No entanto, se tivermos ‘lusofonia’, ‘anglofonia’, ‘bascofonia’, entre outros exemplos desse tipo, a vogal posterior passará a ser fechada, bem como nos exemplos dos formativos –logo e –grafo.

Ainda sobre a segunda posição, é válido ressaltar que o vocábulo formado com o confixo *fone* apresenta duas palavras prosódicas e atualizam a noção de aparelho/instrumento, como nos exemplos a seguir: *megafone* (aparelho portátil que amplia o som da voz), *microfone* (instrumento que transforma as vibrações sonoras em oscilações elétricas), *telefone* (aparelho destinado a transmitir o som à distância), *xilofone* (instrumento de percussão), *audiophone* (pequeno aparelho que amplifica os sons), *copofone* (instrumento de vidro que produz som ao passar o dedo), dentre outros exemplos.

Além disso, podemos observar que existem variantes com aceção de instrumento no quesito acentuação. Nesse grupo, alguns vocábulos podem ser considerados proparoxítonos ou paroxítonos e o sentido continua o instrumento sonoro. Conseguimos observar essa característica em ‘eletrófono’ e ‘eletrofono’, que representam qualquer instrumento cujo som é gerado por vibrações elétricas; ‘heterófono’ e ‘heterofono’, que quer dizer produto de sons ou vozes diferentes; ‘isófono’ e ‘isofono’, que é aquele cuja voz se assemelha a uma outra ou que tem o mesmo timbre que outra, entre outros exemplos.

Na segunda posição, há, ainda, alguns vocábulos que, além de apresentar uma variação na pauta acentual, apresentam variação quanto à forma, entre ‘fono’ e ‘fone’. Vemos a seguir exemplos que variam na acentuação e na grafia: ‘aerófono’ e ‘aerofone’ (cuja definição já foi apresentada aqui) e ‘cordófono’ e ‘cordofone’ (que está relacionado ao

Primeiras notas sobre o confixo fono

sentido de qualquer instrumento musical cujo som é produzido pela vibração de uma ou mais cordas estendidas entre pontos fixos - p.ex., a harpa, o violino etc -). Ademais, encontramos exemplos que não apresentam variação da pauta acentual, mas apresentam variação entre *fono* e *fone*, como por exemplo: ‘megafono’ e ‘megafone’; ‘microfono’ e ‘microfone’; ‘xilofono’ e ‘xilofone’; ‘heptafono’ e ‘heptafone’. Além disso, concluímos, até aqui, que, quando encontramos o formativo *fone*, na maioria das vezes tal palavra está associada a instrumentos (‘saxofone’, ‘vibrafone’, ‘rotfone’, ‘sarrusofone’).

Neste contexto de variação de formas, já vimos que *fono* e *fone* podem ser apresentados como formativos em variação. O mesmo ocorre com *-fonia*, que na segunda posição estabelece uma relação com *-ófono* para veicular a ideia de ‘falante de’. Em outras palavras, temos ‘francofonia’ e ‘lusofonia’ (culturas linguísticas) para explicar ‘francófono’ e ‘lusófono’, por exemplo. No entanto, essa relação não pode ser estabelecida para todos os vocábulos que apresentam *-ófono*. Por exemplo, não encontramos tal relação para ‘bascófono’ e ‘ciganófono’. Ademais, é possível encontrar *X-fonia* sem estar relacionado à *X-ófono*, como vemos em *radiofonia* (ligada à ideia de *radiofone*, ou seja, temos aqui *-ofone*). Deste modo, encontramos muitas palavras que apresentam o formativo “*-fonia*”, como ‘apofonia’, ‘autofonia’, ‘estereofonia’, ‘egobroncofonia’, ‘ecofonia’, dentre outros exemplos. Sendo assim, é importante observar que tais palavras acabam por apresentar o confixo *fono* de uma maneira reduzida, uma vez que *-fonia* pode ser segmentada em *fon (o) + ia*.

CONCLUSÃO

Ao mesmo tempo em que o confixo aqui analisado pode aparecer em contextos diversos, também apresenta especificidades semânticas e formais. Dessa maneira, na primeira posição, *fono* pode ser raiz de palavras. *fone*, por exemplo, significa tanto a realização de um fonema, como a peça do aparelho telefônico que se leva ao ouvido); *fono* como truncamento, como por exemplo nos usos de *fono* como uma forma encurtada para representar “fonologia”, “fonoaudiologia” e suas variações; *Fone* como termo técnico em ‘fonospatmo’ (convulsão que acomete uma pessoa junto com a emissão de voz) e *fono* como forma presa, como vemos em *fonopsia* (ocorrência de visões por conta de estímulos auditivos).

REFERÊNCIAS

- BASILIO, M. *Formação e classe de palavras em português*. Campinas: Pontes, 2004.
- CAETANO, M. do C. A meio caminho entre derivação e a composição. *Estudos*
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- GONÇALVES, C.A.V. *Compostos neoclássicos: estrutura e formação*. ReVEL, edição especial n. 5, 2011. [WWW.revel.inf.br].
- HOUAISS, A. (et alii). *Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro:

Instituto Antônio Houaiss, Objetiva. Versão 3.0, junho de 2009.

KHEDI, W. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática, 2005.

LÜDELING, A. Neoclassical word-formation. Berlin. In: BROWN, K. (org.) *Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Elsevier, p. 580-582, 2006.

MARTINET, André. *Grammaire Fonctionnelle Du Français*. Paris: Didier, 1979.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. Campinas: Pontes, 1987.

NAVRÁTIL, Cyril. *La composición neoclásica en el español actual*. Praha, 2017. Diplomová práce. Univerzita Karlova, Filozofická fakulta, Ústav románských studií. Vedoucí práce Čermák, Petr.

RADIMSKÝ, J. (2011): Konfixace vsoučasné italské slovtvorbě. Časopis pro moderní filologii 93, Vol. II. Praha: Ústav pro jazyk český, p. 104-114, 122.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 45^a ed. – Rio de Janeiro: José Olympio